

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Ultrapassando as fronteiras do Colégio Estadual do Paraná: Uma análise sobre as ações educativas das Atividades Paraescolares

Suderli Oliveira Lima¹

Resumo: O objetivo deste trabalho foi o de verificar as ações educativas das Atividades Paraescolares do Colégio Estadual do Paraná (CEP), no ano de 1970. Para isso foram analisados alguns documentos da própria Instituição de Ensino, e após análise dos mesmos foi possível observar que as atividades paraescolares possuíam tanto um cunho pedagógico, principalmente no que se referia a complementar a ação educativa das disciplinas obrigatórias, como também incentivava as aptidões vocacionais e a procura por uma atividade profissional futura. Sendo assim neste trabalho foram desenvolvidos alguns pontos referentes às relações e interdependência entre educação, desenvolvimento econômico e as ações educativas das atividades paraescolares no âmbito institucional do Colégio Estadual do Paraná.

Palavras-chaves: Atividades Paraescolares; Ações Educativas; História da Educação.

Abstract: The aim of this paper was to verify the educational actions of Parascholastic Activities by Colégio Estadual do Paraná (CEP), in 1970. For this, was analyzed some documents to this Instructional Institution, and, after this analyze, was possible observe that the Parascholastic Activities had a pedagogical stamp, specially in relation to complement the educational action of compulsory subjects, as well as to motivate the vocational abilities and the search for a future professional activity. This being the case, in this article was developed some points relative to relations and interdependency between education, economic developing, and the educational actions by Parascholastic Activities in the Colégio Estadual do Paraná.

Key-words: Parascholastic Activities, educational actions, History of Education.

Colégio Estadual do Paraná e Atividades Paraescolares:

Delineando um lugar e objeto de pesquisa.

O Colégio Estadual do Paraná é um lugar de pesquisa privilegiado, não só pela sua estrutura tanto organizacional quanto física, mas pelo que representava, e se me permitam, ainda representa na sociedade Paranaense. Criado em março de 1846 pela Lei nº 33, teve várias denominações nominais como Liceu de Curitiba, Liceu Paranaense, Instituto

¹ Professora, graduada em História e Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná na Linha de Pesquisa em História e Historiografia da Educação.

Paranaense, Ginásio Paranaense e Colégio Estadual do Paraná, respectivamente (SILVA, 2006), cada nomeação e período de duração com suas particularidades e suas significações².

E minhas inquietações com as Atividades Paraescolares (AP) começaram justamente nas muitas idas e vindas ao arquivo do CEP, no período em que estava verificando as fontes com quais iria trabalhar na dissertação de Mestrado³. Chamou-me atenção uma pasta de relatório com aproximadamente 752 páginas do ano de 1970, devidamente organizada, protocolada e assinada por um coordenador, ou seja, era uma das muitas atividades extracurriculares que existia no CEP, contudo com uma grande diferença. Ela possuía um viés distinto de outras atividades como a Banda Rítmica, a Escola de Arte, o Coral, o Teatro entre muitas outras, que eram fornecidas aos alunos daquela instituição de ensino a partir de um eixo mais cultural.

Observamos nos relatórios das AP, quais eram sistematicamente bem ordenadas, possuía um cunho extremamente burocrático e tecnocrático, o que nos fez lembrar que o período da Ditadura e os anos após 1968 foram os momentos auge da autoridade ditatorial pelo que o país estava passando, mas também que indicava a estrutura física do CEP e sua necessidade de organização.

Ao começarmos olhar para aquelas fontes, encontramos a pessoa do coordenador. Era Amílcar W. Silva, que foi professor de física, matemática e de desenho pelo colégio Iguassu, foi ex-professor da faculdade de Claretianos e também participava de muitos trabalhos fora da CEP, ou seja, ele era palestrante e seminarista em alguns congressos e seminários de física e também era catedrático em Cálculo Integral (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/p). Estas composições em seu currículo estavam registradas na primeira folha dos relatórios, e nos fez pensar como e porque este professor estava coordenando as AP, visto que no início de nossa análise para escrever este trabalho, pensávamos que um coordenador deste tipo de atividades podia ser um pedagogo, contudo entendemos que todas as vantagens de seu currículo e sua interdependência nas relações que ele possuía junto a diversos órgãos, como os museus, indústrias, faculdades e planetários; assim como a relação que mantinha com os dirigentes destes lugares, colaboraram muito para o desenvolvimento no decorrer dos anos das AP.

² Para saber mais sobre a história do Colégio Estadual do Paraná ver: STRAUBE, E. C. **Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993**. Curitiba: Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná, 1993. E também: MARTINS, C. R. K. **A Disciplina Escolar de História no ensino secundário público Paranaense: 1931 a 1951**, (Tese de Doutorado). UFPR: 2006.

³ Estamos trabalhando na dissertação de mestrado com as Atividades Extracurricular na década de 1960 e 1970, como o Teatro, Coral, Banda, Escotismo, Bandeirantismo, Radioamadorismo, Observatório Astronômico, Escola de Arte.

Mas afinal o que eram aquelas Atividades Paraescolares, como poderíamos definir aquele termo utilizado pelo CEP no período de 1960/1970, e principalmente no ano aqui trabalhado o de 1970? Em nossas leituras prematuras, e se me permitem novamente, ainda muito precoces, verificamos que existem algumas formas que definem o termo paraescolares, de um lado que corresponde a todo um conjunto de atividades, as quais colaboram para que o aluno assimile melhor o aprendizado escolar, ou seja, são atividades destinadas a “apoiar, reforçar, complementar ou aprofundar o estudo pessoal exigidos dos alunos” (CORODIAM, 2003, p. 947)⁴.

E numa outra perspectiva, paraescolares como sendo uma educação popular, fora da escola, e que no decorrer dos tempos tal educação informal ou popular, nos períodos que eram de vontade do Estado educar a sociedade para que assimilassem os planos e as posições políticas vigentes de uma determinada época (PAIVA, 1996), ou ainda atividades paralelas à escola, ou extra-escolar, mas com o objetivo de complementar a educação formal dos estabelecimentos de ensino (THOMÉ, s/d).

Dentro destas definições, nas quais percebe atividades paraescolares como sendo paralelas às escolas, pois em todos os estudos acima elas nunca estão instituídas no interior de uma escola, é impossível olharmos para os relatórios das AP do CEP, tomando como posição que tais atividades eram extra-escolas, visto que esta instituição de ensino possuía e possui um cunho formal na educação paranaense, embora quase todas as AP fossem exterior aos muros do Colégio.

Analisando as fontes para verificarmos qual seria a “função” das atividades paraescolares foi possível perceber que eram aulas externas ao CEP, embora também ficara perceptível que no decorrer do ano escolar também foram realizados muitos seminários e palestras que eram fornecidos aos alunos daquele colégio por alguns acadêmicos de algumas faculdades e universidades da cidade de Curitiba. Seminários e palestras estas que serviam para fornecerem aos alunos do CEP indícios de uma carreira futura, rumo à universidade (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/p).

A partir desta percepção foi possível observarmos que as AP, de um lado, tinham uma ação educativa de complementar às aulas, podendo ser vinculadas ou não às disciplinas curriculares, e por outro lado, poderiam servir para proporcionar maiores oportunidades aos alunos, como por exemplo: colaborando para com o desenvolvimento de suas personalidades, e integrando-os à sociedade, assim como, incentivando suas aptidões vocacionais.

⁴ CORODIAM, Charles. Escreve sobre livros escolares e paraescolares. Em nenhum momento sobre atividades paraescolares, mas nos ajudou a entender o que poderiam ser as AP do CEP.

Discutindo algumas Atividades Paraescolares

Todos os documentos que encontramos nos relatórios das AP de 1970, assim como dos anos posteriores, os de 1971 e 1972, os ofícios solicitando ao diretor do CEP e aos gerentes e diretores dos lugares onde seriam dadas as aulas externas; autorizações de pais para os alunos participassem daquelas aulas; requisições de materiais; acerto de contas; roteiro das viagens e das visitas a empresas, indústrias e museus, entre muitos outros. E também, os mais diversos documentos e bilhetes escritos pelos próprios alunos quais eram grampeados no relatório pelo coordenador, no que se referiam aos seminários e palestras, todos estes e muitos outros eram armazenados e guardados, quais e o que acreditamos que seja fulcral para discutirmos sobre as AP, entretanto iremos expor somente algumas poucas.

As AP, como já dito, podiam ser aulas além dos muros do CEP, ou seja, eram aulas experimentais que faziam com que os professores de variadas disciplinas complementassem a ação educativa das disciplinas obrigatórias, como por exemplo, a física por meio das visitas aos planetários; a química, pelas visitas “a Companhia Cervejaria Brahma, e tinham como finalidade de complementar os conhecimentos dos alunos do 1º ano colegial (...), no que se refere à Química Biológica, em particular dos processos de fermentação” (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/p.), entre muitas outras como as visitas a museus que serviam para complementar as aulas de história natural ou de um determinado período.

Isto nos indica que as AP possuíam um cunho pedagógico, como por exemplo, o caso da História: “Solicitamos providências no sentido de que seja expedido ofício a Direção do Museu Imperial de Petrópolis, solicitando uma aula aos alunos e professores da disciplina de História deste Estabelecimento se possível dias 23 ou 30 de abril de maio pela manhã. A referida aula se prende aos Fatos do Império” (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/p).

Esta visita ao Museu Imperial de Petrópolis deu-se no dia 23 de maio (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/p) E nos fez lembrar que há algumas pesquisas recentes que falam sobre a importância do museu para a sociedade aprender mais sobre a própria História, pois “o passado conservado no Museu em forma de patrimônio serve ao presente” (FUNARI, 1999, Apud TAMANINI, 2000). Mas se a visita ao museu servia para complementar a ação educativa da aula de História, é também importante lembrarmos que esta disciplina na década de 1960/1970, era tida como uma “verdade absoluta”, visto que as interpretações de uma

história fragmentada; constituídas de muitas verdades; construídas através de diferentes argumentações e de visões de mundo, começaram a surgir no Brasil muito recentemente.

Ainda naquele tempo a História contada através dos museus podia ser uma grande propagadora da verdade, que além de colaborar com ensino de História de um determinado período e “forjar” o que se pretendia com o conteúdo, também “transmite uma mensagem, educa através do objeto a qualquer pessoa que nele entrar, seja qual for a sua classe social, sexo, idade, raça ou escolaridade” (TAMANINI, 2000, p. 13).

Quanto à disciplina de Química, qual estava passando durante todo o século XX em frequência mudança, pelas grandes inovações nos processos tecnológicos nos mais diferentes ambientes industriais. As aulas externas levariam os alunos às experiências práticas, ou às chamadas aulas experimentais, no entanto não era novidade no período aqui pesquisado, pois desde a reforma de Francisco Campos, já se propunha que os ensinamentos de Química fossem fornecidas pelos experimentos. A proposta de uma aula experimental, ou método experimental, foi reforçado pela Reforma de Capanema que propunha a necessidade constante dos alunos se envolverem com o processo experimental, colaborando para com a apropriação do conhecimento sobre a Química. (SERAFIN JUNIOR, 2005, p. 11-12).

No decorrer do ano de 1970, houve várias aulas externas que serviriam para complementar as ações educativas de algumas disciplinas, além das já citadas acima, também as visitas à Orla Marítima do Paraná, feitas em razão das aulas de Biologia; Planetário de São Paulo que estava em consonância com a disciplina de Geografia. Visitas estas que nos leva a observar que a ação educativa da aula externa serviria talvez naquele período pela “motivação como um estado de necessidade ou desejo que leve a pessoa (ou aos alunos), a fazer algo que satisfaça esse (ou um) desejo ou necessidade” (HUNTER, 1975, apud. SERAFIN JUNIOR, 2005, p.14). E também pode nos representar que era uma experiência diferente para o aluno, por este estar em contato não só com a prática, mas também com o interior de uma grande indústria, logo com um ambiente que possibilita responder seus anseios quanto a sua futura profissionalização ou profissão.

Outro dado interessante que observamos nas Atividades Paraescolares foram os encontros “universitário-secundário” (RELATÓRIO DAS AP, 1970, s/d) que eram realizados por acadêmicos de alguns cursos universitários, entre eles Arquitetura e Engenharia, para tirarem as dúvidas dos alunos do ensino secundário dos vestibulares, das propostas e programas de ensino dos cursos universitários, e principalmente mercado de trabalho.

Nestes encontros podemos verificar que havia uma enorme preocupação que os alunos tinham em relação ao seu futuro profissional, afinal que caminho percorrer? Qual

profissão ou faculdade que melhor se enquadre no mercado de trabalho daquele período? Durante os encontros dos universitários com os secundaristas, no decorrer das palestras muitos alunos realizavam perguntas, e tais encontros geralmente eram separados por sexo, ou seja, os encontros das meninas com os graduandos eram diferentes do dia dos meninos. Em um dos encontros universitário-secundaristas, foram destinadas só as meninas, e tiveram como palestrantes os alunos de engenharia.

Nos documentos analisados, as alunas possuíam algumas preocupações como: “há possibilidade de mulher cursar o curso de engenharia civil”... “a mulher tem a mesma igualdade do que os homens”... “na engenharia mecânica a mulher tem campo de trabalho”... “depois de uma moça já formada, propriamente dita, e se ela quiser abrir um negócio próprio, precisará de muito capital?... “Que tipo de engenharia é mais recomendável para moças” (RELATÓRIO DAS AP, 1970).

Isto sugere para nós que estava se configurando naquele contexto certa preocupação de como as meninas podiam se inserir num mercado de trabalho que era marcado por uma tradição quase que exclusivamente masculina, havia nas entrelinhas que as mulheres de forma geral estavam querendo participar de outras funções, de outras profissões e não aquelas que eram geralmente destinadas a elas, como o magistério, por exemplo.

Havia outros questionamentos também, tanto por parte dos alunos, como das alunas, embora os encontros fossem separados por sexo, havia alguns apontamentos gerais como: “há como enriquecer na engenharia”?... “Os engenheiros formados no Paraná tem facilidade de encontrar emprêgo no resto do Brasil”?... “Gostaria de saber o preço da mensalidade do curso de engenharia”?... “Qual a diferença entre o curso do engenharia e de arquitetura?” (RELATÓRIOS DAS AP, 1970).

Estas perguntas que os alunos realizavam no decorrer dos encontros universitário-secundarista e as visitas que eram realizadas as indústrias e empresas no ano de 1970 e outros, indicam que o Colégio Estadual do Paraná, por meio de seus dirigentes e principalmente a partir do coordenador das Atividades Paraescolares, não estava só preocupado com o cunho pedagógico daquela instituição de ensino, mas também como um colaborador do próprio mercado de trabalho.

Considerações Finais

Entendemos que para verificar a importância das ações educativas das AP do CEP, é necessário olharmos para a educação do período, não só pelas facetas dos conflitos,

das tensões e repressões de um período ditatorial⁵, mas também pelas nuances do desenvolvimento econômico⁶. Principalmente porque há alguns autores que trabalham com a relação entre educação e desenvolvimento, ou seja, tendo a educação como um dos principais eixos para um progresso desenvolvimentista estável e a constituição de recursos humanos para o mercado de trabalho. (PINHO,1970).

Provavelmente a relação educação/desenvolvimento/recursos humanos fora influenciados pela Teoria do Capital Humano (TCH)⁷, e isso talvez possa nos permitir a dizer que tanto a relação da THC com a educação, ou no que se refere às Atividades Paraescolares, Atividades Extracurriculares, Extracurriculares ainda foram e são muito pouco exploradas por pesquisadores que se debruçam sobre a educação no Brasil.

Fontes

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Relatório das Atividades Paraescolares. Curitiba, PR, 1968.**

_____. **Relatório das Atividades Paraescolares. Curitiba, PR, 1970.**

_____. **Relatório das Atividades Paraescolares. Curitiba, PR, 1971.**

Referencias Bibliográficas

BENEVIDES, M.V. M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados.** V. 5, nº 11, p. 173-191, jan/abr. De 1991.

⁵ Ref. a Ditadura Militar ver: COIMBRA, C.M.B. **Tortura ontem e hoje: resgatando uma certa história.** In: Psicologia: estudos. Maringá: v. 6, nº. 2, 2001; FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: **Revista Brasileira de História.** V. 24, nº 47, 2004. GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985).** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994. OLIVEIRA, M. A. T. **Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984).** Bragança Paulista: EDUSF, 2003. REIS, A. D.; RIDENTI, M. (orgs) **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois.** (1964-2004). Bauru, SP: Edusc, 2004.

⁶ Ver: BENEVIDES, M.V. M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. DREIFUSS, R. A. **1964 A conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1981. FURTADO. C. **A Hegemonia dos estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

⁷ A Teoria do Capital Humano foi originada nos Estados Unidos na década de 1950 e chegou a muitas universidades brasileira na década de 1960, com as obras de Harbbison e Meyes (1965), Vaisey (1968). No Brasil podemos encontrar alguns autores que trabalharam com a teoria vinculando-a de certa forma com a educação, como por exemplo: Largoni (1973) e Fishlow (1975).

- CORODIAN, C. Os usuários dos produtos paraescolares: Pais ou Filhos? In: **Educ. Soc. Campinas**, v. 24, nº 84, p. 945-953, setembro 2003. Disponível em: www.cedes.unicamp.br.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Vol. 1: Uma história dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- MARTINS, C. R. K. **A Disciplina Escolar de História no ensino secundário público Paranaense: 1931 a 1951**. Tese de Doutorado. UFPR: 2006.
- PAIVA, V. **Perspectivas e dilemas na educação popular**. 1996
- PINHO, C.M. **Economia da Educação e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.
- SCHULTZ, T. W. **O Capital Humano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SERAFIN JUNIOR, I.M. **O envolvimento do aluno no processo de ensino-aprendizagem durante as realizações de atividades experimentais**. São Carlos, 2005. Dissertação (Mestrado em Química) UFSCAR.
- SILVA, A.M.L.L. **Conduas, Operações e Escolhas: O Serviço de Orientação Educacional do Colégio Estadual do Paraná (1968-1975)**. Monografia de Especialização. UFPR, 2007.
- STRAUBE, E. C. **Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993**. Curitiba: Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná, 1993.
- TAMANINI, E. **Vidas transplantadas: Museu, Educação e Cultura Material na (re)construção do passado**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.
- THOMÉ, N. **Escotismo em Caçados nos primeiros tempos (1931-1964)**.